



A diegese nos contos *A causa secreta* de Machado de Assis e *O pé de alface* de Geraldo França Lima

Sonia Maria Dal-Sasso¹, sdsasso@uol.com.br; **Rilza Rodrigues Toledo**²

1. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), MG; Professora na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG; e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Leopoldina, MG;
2. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) MG; professora na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), Ubá e Visconde do Rio Branco, MG.

Artigo protocolado em 05 mar. 2013 e aprovado em 27 jun. 2013.

RESUMO: Fez-se a (re) leitura dos contos **A causa secreta** de Machado de Assis e **O pé de alface** de Geraldo França Lima com o intuito de identificar as figuras de diegese. Observou-se que os autores, ao desenvolver a trama, além de marcar a obra de figuras de diegese, convidam o leitor a refletir sobre valores desnudos em nossa sociedade e sobre problemas sociais vigentes. Com relação à diegese, destacam-se o paralelismo de contraste, a figura de repetição e o tempo cronológico.

Palavras-chave: diegese, Machado de Assis, Geraldo França Lima.

ABSTRACT: **The diegesis in the tales *A causa secreta* by Machado de Assis and *O pé de alface* by Geraldo France Lima.** The (re) reading the stories *A causa secreta* by Machado de Assis and *O pé de*



alface by Geraldo France Lima was made in order to identify the diegesis figures. It was observed that the authors, while developing the plot, besides highlighting the work with diegesis figures, invite the reader to reflect on the values naked in our society and about the existing social problems. In respect to the diegesis, the parallelism contrast, the figure of repetition and chronological time are highlighted.

Keywords: diegesis, Machado de Assis, Geraldo France Lima.

RESUMEN: La diégesis en los cuentos *A causa secreta* de Machado de Assis y *O pé de alface* por Geraldo Francia Lima. La (re) lectura de la historia *A causa secreta* de Machado de Assis y *O pé de alface* por Geraldo Francia Lima se hizo con el fin de identificar las figuras diégesis. Se observó que los autores, mientras que el desarrollo de la trama, además destacan el trabajo con figuras diégesis, invitan al lector a reflexionar sobre los valores desnuda en nuestra sociedad y los problemas sociales existentes. Con respecto a la diégesis, el contraste paralelismo, se destacó la figura de la repetición y el tiempo cronológico.

Palabras llave: diégesis, Machado de Assis, Geraldo Francia Lima.

Introdução

Este trabalho faz uma (re) leitura dos contos **A causa secreta** de Machado de Assis e **O pé de alface** de Geraldo França Lima. Em **A causa secreta**, identificaram-se figuras de diegese e se mostrou como autor detinha-se no estudo do caráter humano, nas questões psicológicas, penetrando na mente humana por meio dos destaques de aspectos doentios de sua personalidade. Já em **O pé de alface**, buscou-se apreender, nos elementos da narrativa, os sentidos que o autor deixa transparecer para reflexão do leitor. Numa linguagem poética, Geraldo França Júnior mescla o dramático, o lírico, o fantástico e o irônico que compõem o pano de fundo no desenrolar da trama. Assim, convida

o leitor a refletir sobre a gravidade dos problemas sociais presentes em nossa sociedade e sobre as desigualdades que privilegiam poucos e marginalizam grande parte da população.

No mundo da literatura brasileira, ao contrário do que muitos pensam, a vanguarda poética continua viva, ao lado do que chamamos de tradição do novo, uma postura oscilante em toda literatura. A literatura é viva, atuante com sua linguagem própria, mais rica e mais variada do que a linguagem comum cotidiana, embora o escritor possa fazer uso desta, na variada estilização de suas concepções da realidade. Desta forma, observa-se que no conto, mesmo sendo um gênero escrito, é possível a observação de estratégias e marcas de formulação de planejamento do texto, como os pares dialógicos (pergunta-resposta).

Conto é um dos gêneros discursivos e conceituá-lo é uma tarefa muito difícil, pois como Mario de Andrade afirma, o conto tem uma forma indefinível, insondável e irredutível a receitas. Em Ferreira, encontra-se a seguinte definição: “Conto: Dev de contar. S.m.1. Narração falada ou escrita. 2- Narrativa pouco extensa, concisa e que contém unidade dramática, concentrando-se à ação num único ponto de interesse” (1996, p. 462).

Segundo Nicola, é a mais breve e simples narrativa, centrada em um episódio da vida. O crítico Alfredo Bosi, em seu livro **O conto brasileiro contemporâneo**, afirma que o caráter múltiplo do conto “já desnortou mais dum teórico da literatura, ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros” (1999, p. 39). Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia o seu espaço todas as possibilidades da ficção. O contar (do latim *computare*) uma estória, primeiramente de forma oral evoluiu para o escrito, conforme Gotlib (2000, p. 29), mas o conto não se refere só ao fato acontecido.

O conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão (no sentido estrito de tamanho), ainda que contenha os mesmos componentes do romance. Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total. O conto precisa causar um efeito singular no leitor; muita excitação e emotividade. Podem-se imaginar várias fases do conto. Em outras definições encontramos: “o conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor” (REIS, 1987, p. 10).

Numa leitura mais profunda, ao analisar a estrutura textual, nota-se que “o conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava

oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permita ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (PIGLIA, 2001, p. 24).

I – Contextualizando os contos

1.1 – O pé de alface

França Júnior narra os conflitos vividos por Benedita, filha de Senhor Argolo, um aventureiro, cheio de ilusões, que corria atrás de seu grande sonho: encontrar um punhado de diamantes que resolveria todos os seus problemas. Como, em muitos anos, não encontrou os sonhados diamantes, volta a casa e arruma um emprego de vigilante noturno. Morre anos depois e deixa sua filha em situação difícil.

Benedita, era calma e sossegada e, como muitas mulheres sonhava em se casar e ter uma família. Isso não tardou acontecer. Numa noite chuvosa, ao tentar se esconder perto de carrocinha de churrasco conhece Rui Canto (o dono da carroça) e começam a namorar.

As dificuldades eram constantes em sua vida. Agora queriam casar, mas era menor e precisava de um tutor que autorizasse o casamento. Ninguém quis ajudá-la. Amargurado, o casal pedi ajuda ao padre Euzébio que resolve fazer o casamento. Casam-se nas chuvas de março e no Natal, deste mesmo ano, nasce seu filho Eduardo.

Quando tudo parecia bem, Benedita recebe a notícia de que Rui havia sido atropelado por um caminhão. Mais uma vez, Benedita se vê sozinha no mundo. Agora, com mais uma preocupação: criar seu filho Eduardo. Depois de passar por muitas dificuldades e procurar emprego, Benedita, enfim, consegue trabalhar numa tinturaria, mas o dinheiro não era suficiente para alimentar Eduardo. Assim, precisa morar de favores de lugar em lugar. Por último, o senhor Castrinho, da loja maçônica, deixa-lhe morar na casa das máquinas.

O Natal se aproxima e Eduardo pede à mãe que lhe dê um par de patins. Benedita, muito triste, lhe responde que o mundo dos patins não era deles, mas o incentiva a pedir Papai Noel com ardor e fé. Um dia, chega exausta em casa e pede ao filho para arrancar um pé de alface no canteiro que fizera nos fundos modestos do quarto em que morava. Assim, o filho faz. Bendita, ao bater o pé de alface na bacia par tirar o excesso de terra, viu se desprender dele um diamante cristalino, que os tornava os mais ricos da cidade.

1.2 – A causa secreta

O conto tem início com a apresentação das três personagens: Garcia, Maria Luísa e Fortunato, que estavam há 5 minutos sem falar nada. Garcia era amigo do casal, Maria Luísa e Fortunato. Maria Luísa estava um pouco nervosa e Garcia com ar de severidade. O narrador diz-lhes que não precisam esconder nada, afinal estavam mortos.

O narrador volta ao passado para explicar a causa do constrangimento dos três. Garcia conhece Fortunato num encontro rápido na Santa Casa e depois no cinema. Tempos depois, Garcia socorre um homem ferido trazido por Fortunato até a sua casa. O tempo se passa e eles montam uma casa de saúde, visto que Garcia era médico. Fortunato cuidava de todos os detalhes na casa de saúde e, principalmente, dos pacientes sem ter receio algum.

Com o tempo, Garcia se apaixona por Maria Luísa, mas não revela seus sentimentos. Fortunato começa a se dedicar ao estudo da fisiologia e de anatomia em gatos e cães. Maria Luísa, incomodada com o sofrimento dos animais, pede a Garcia que converse com seu marido, o que Garcia faz sem sucesso. Certo dia, Garcia vê Maria Luísa sair do gabinete de Fortunato horrorizada. Ele entra e vê Fortunato torturar um rato com requintes de crueldades. Ele percebe que Fortunato tem prazer em ver a dor alheia.

Maria Luísa fica tuberculosa e o marido fica, o tempo todo, a seu lado. Ela morre e Fortunato flagra Garcia beijando o cadáver na testa, chorando copiosamente. Mais uma vez, Fortunato se satisfaz, saboreando a dor de Garcia.

II – Releitura dos contos

2.1 – A causa secreta

O conto apresenta na sua estrutura narração e diegese, pois nele encontram-se personagens, diálogo, espaço, narrador, tempo.

O narrador do conto em questão pode ser definido como onisciente, já que apresenta as seguintes características: está em terceira pessoa, sabe mais que as outras personagens, colocando-se atrás e acima delas (visão por detrás). “[...] Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual” (ASSIS, 1986).

A história inicia-se com um *flash-back*, levando o leitor à cena que se passa na casa de Fortunato, na qual ele apresenta as três personagens, identificando-as através de seus estados emocionais. Maria Luísa tensa e trêmula, Garcia com ar severo e Fortunato sentado, aparentando calma, olhando para o

teto. A partir daí o narrador volta ainda mais no tempo (1860), quando Garcia conheceu Fortunato. Retornando ao tempo presente para concluir a história, conta um episódio que se passou há tempos, o que facilita o seu distanciamento dos fatos e o não envolvimento com as personagens. “Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço” (ASSIS, 1986). Isso leva o leitor a perceber que o relato não é linear, pois há um ir e vir de datas. A narração começa pelo meio e, mais tarde, o leitor é inteirado sobre o início dos acontecimentos.

Durante a narrativa, o narrador vai indicando o leitor alguns índices a respeito das personagens. Pode-se citar, como exemplo, a cena em que Fortunato dá bengaladas nos cães que dormiam nas ruas e sai cantarolando enquanto o animal gania de dor.

O conto apresenta três personagens. Fortunato, a personagem principal da história, é descrito fisicamente como tendo “cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpora a outra, curta, ruiva e rara” (ASSIS, 1986). Porém, a descrição mais importante é a de seus olhos. Através do olhar é possível estabelecer uma linguagem. Podem-se transmitir pelos olhos muitas mensagens: de amor, de medo, de ódio, de alegria, entre outras.

No conto em questão, o autor não se limita a descrever os olhos da personagem fisicamente. Indica através desta descrição a expressividade, a impressão que causam em seu interlocutor. Machado de Assis, através desta descrição, possibilita ao leitor não só identificar aspectos externos das personagens, mas também desvendar os mistérios de sua alma. “eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria” (ASSIS, 1986).

O narrador dá alguns índices a respeito de Fortunato. O primeiro é quando ele fala sobre o interesse de Fortunato pela peça de teatro: “A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecensões e remorsos” (ASSIS, 1986). O narrador enfatiza o interesse de Fortunato nos momentos mais sofridos. “Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho” (ASSIS, 1986). O segundo índice é apresentado logo após a saída de Fortunato do teatro. Ele vai pelas ruas devagar e cabisbaixo, parando somente para dar bengaladas nos cães que dormiam. Enquanto o cão gania, ele saía andando. Mais tarde, no momento em que Fortunato ajuda a socorrer o homem esfaqueado, Garcia observa o seu olhar frio para o ferido. Mais adiante, quando o ferido já dava ares de cura, Fortunato desapareceu sem dizer onde morava. Maria Luísa, ao saber do fato através de Garcia, espanta-se como se não conhecesse este lado do marido. “A moça

ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração” (ASSIS, 1986).

Outra passagem é quando ele resolve estudar anatomia e fisiologia. Rasgava e envenenava cães e gatos. Mais adiante o narrador revela a verdadeira personalidade de Fortunato no momento em que ele tortura o rato, deixando cair a máscara de vez. Culmina no episódio em que Garcia chora a morte de Maria Luísa e Fortunato saboreia aquele momento “[...] Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (ASSIS, 1986).

O tempo cronológico, aquele que se baseia na natureza, no calendário, no relógio é, de um modo geral, muito bem definido nas obras de Machado de Assis, facilitando a verossimilhança com os fatos da vida real. No conto, ele cita nomes de ruas como Rua de D. Manuel, Largo da Carioca, Praça da Constituição. Além de mencionar datas.

O tempo psicológico não pode ser medido. É um tempo interior, do espírito da personagem. É relativo porque varia de acordo com os sentimentos, indo de poucos instantes a longos períodos de tempo. Não há a divisão entre passado, presente, futuro. Pode-se citar como exemplo de tempo psicológico a passagem que se refere à tortura que Fortunato impõe ao rato.

Há um paralelismo de contraste (figura de diegese) quando o narrador descreve Fortunato e Maria Luísa. Ela foi descrita como esbelta, airosa, olhos meigos e submissos, com aparência juvenil. Já o marido foi descrito da seguinte maneira: “A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes” (ASSIS, 1986).

Ainda pode-se notar outro paralelismo de contraste entre Maria Luísa e Fortunato. Quando ele abre uma casa de saúde, a esposa fica desiludida por ser uma criatura sensível, temendo o fato de o marido ter contato com enfermidades humanas. Por outro lado, Fortunato dedicava-se totalmente à casa de saúde. Ele era o administrador, o chefe dos enfermeiros, dava ordens, fazia as compras necessárias.

Fortunato pode ser visto de duas formas: o homem dedicado, benemérito, que assistia os enfermos na casa de saúde, sendo aplaudido e admirado pela sociedade. E o outro? Aquele que torturava animais, que sentia prazer em ver a dor do semelhante, revelando todo o seu sadismo, o seu caráter perverso e doentio. Pode-se notar aí um paralelismo de contraste e também a presença do duplo. Neste caso, a aparência opõe-se à essência. Aliás, uma característica marcante nas obras de Machado de Assis.

A personagem Garcia era um jovem estudante de medicina que possuía um caráter curioso e observador.

Este moço possui em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo (ASSIS, 1986).

O narrador, através desta descrição, dá um índice da personalidade de Garcia. Vê em Fortunato um objeto de estudo. Ele, desde o começo da história, fica intrigado com a figura de Fortunato. Quando este ajuda a socorrer o homem ferido, o jovem fica atônito com suas atitudes. Garcia tinha a sensação de repulsa e de curiosidade ao mesmo tempo. Assim, o narrador chegando à conclusão de que “o coração humano é como um poço de mistérios” (ASSIS, 1986). Garcia, impulsionado pela curiosidade, tentava desvendar qual seria o segredo de Fortunato. Para tanto, passou a observá-lo mais atentamente em sua casa, mais especificamente o seu relacionamento com a esposa, descrita como uma mulher sensível e que se submetia às vontades do marido. Talvez essa submissão possa ter sido a causa de sua doença.

Garcia, no episódio do rato, consegue dominar-se para poder analisar a figura de Fortunato e concluir que ele era uma pessoa que necessitava ver o sofrimento no alheio. Fortunato sentia prazer em provocar a dor ou de presenciá-la. “Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia pode lhe dar: é o segredo deste homem” (ASSIS, 1986). Garcia poderia, de certa forma, ser comparado a Fortunato, pois este gostava de dissecar os animais e aquele dissecava a alma, o íntimo das pessoas. Garcia também sentia prazer em fazer esta análise. Não interferia nas atitudes de Fortunato por mais repulsivas que fossem. Tudo em nome da sua análise, objetivando chegar ao fim daquele mistério.

O título do conto pode levantar algumas dúvidas: a causa secreta de quem? De Garcia que, de certa maneira, investigava o amigo? De Maria Luísa que se submetia às vontades do marido? De Fortunato? Fica a dúvida no ar.

2.2 – O pé de alface

Geraldo França Lima narra os conflitos vividos por Benedita filha de Senhor Argolo, sonhador que se embrenhou, durante toda existência, à procura de um diamante que mudaria a sua e a vida e da família, mas nunca o encontrou.

O conto fala da transposição do Natal cristão para o Natal comercial, bem como de confraternização. Ao evocar o Natal, o autor contrapõe estas duas realidades: o Natal comercial desprovido da verdadeira religiosidade ao

Natal cristão em que se comemorava o nascimento do Menino Deus com simplicidade e com verdadeiro espírito cristão. Assim, percebe-se a riqueza dos significados literários que levam o leitor à profunda reflexão.

Esse conto enriquece a literatura, pois ultrapassa os limites do real, do abstrato para encaminhar o ser humano a uma profunda reflexão acerca dos valores espirituais e materiais que permeiam o mundo atual por meio das personagens Benedita e Eduardo no período natalino. Benedita representa o drama social vivido por milhares de brasileiros – viver abaixo da linha da pobreza. Quando precisa da solidariedade das pessoas, se vê só, perdida num mundo cheio de promessas de paz e amor.

A narrativa em terceira pessoa apresenta visão por detrás, pois o narrador sabe mais que as personagens, o que pode ser percebido pelo título associado ao desfecho do conto. Há também diegese. O tempo é cronológico e os fatos marcantes da vida protagonista sempre acontecem nas vésperas do Natal. No Natal, ela conheceu o marido; foi também pedida em casamento, marca ainda, o nascimento de Eduardo, seu filho. A narrativa inicia-se nas vésperas de Natal, retoma três semanas para explicar a origem de Benedita, volta ao tempo presente para narrar o fato que modifica a vida desta heroína. Neste ir e vir dos fatos, entre presente e passado, tem-se o flashback. Há de se destacar ainda a marca do tempo psicológico, sugerida com cenas significativas possibilitando ao leitor visualizá-la: o presépio armado na sala, o chefe de família colocando o Menino Jesus no bercinho de palha, as famílias se confraternizando após a Missa do Galo.

É interessante ressaltar o significado dos nomes das personagens principais: Eduardo e Benedita. O nome Eduardo representa o guardião das riquezas; o de Benedita, do latim significa abençoada, louvada, aquela que é bendita e abençoada. Adjetivos que fazem jus às personagens no desenrolar do conto. A Benedita teve a vida sempre marcada por perdas. Primeiro o pai, que tanto sonhava com diamantes, morre e a deixa sozinha; quando já se sentia segura e feliz, morre o marido e, por fim, depois de se acostumar às exigências do padre Euzébio, que lhe dera abrigo, ele morre e, mais uma vez, é preciso recomeçar. Nas perdas e recomeços, pode-se destacar a figura de repetição.

A figura de sínecdoque pode ser identificada no fato de o pai de Benedita, Senhor Argolo, ter procurado diamante e de Benedita tê-lo encontrado sem procurar. Destaca-se o paralelismo de contraste ao se comparar a realidade das crianças, Eduardo, filho de Benedita, no mundo das restrições, enquanto Mirian, no conforto e na fartura. Há também essa figura de diegese, entre a fartura das mesas natalinas e a miséria real em que vivem Benedita e Eduardo, enfatizando as diferenças, as contradições natalinas vividas pelas classes privilegiadas e pelas

excluídas. Outro paralelismo pode ser a religião que o pai não tinha e cuja filha buscava. E, ainda, nas idealizações românticas do pai e na dura realidade da filha. Pode-se dizer que há o paradoxo na dor da mãe, Benedita, ao ver seu filho, dentre tantos desejos anulados, ter mais um, ao desejar os patins iguais ao de Mirian. A inversão está presente na transformação na vida da personagem protagonista, heroína, que fica rica ao encontrar o diamante.

Outra característica importante que se pode observar no conto é a semelhança com os contos de fada, em que a personagem principal tem a vida recortada por infortúnios, mas há sempre o final feliz. Isso não foi diferente com Benedita que, após tantas perdas e recomeços, vê despontar uma vida confortável ao encontrar um diamante.

Há de se analisar ainda o título **O pé de alface** que sugere ao leitor a magia do desabrochar em uma simples hortaliça. Ao título também, talvez se possa relacionar Benedita, pelas semelhanças com a alface. Aquela era simples, serena, bela como esta, pois numa vida dura, de infortúnios, jamais perdeu a beleza em transmitir alegria, otimismo e perseverança. O admirável é que se preservou digna, sempre incutindo em Eduardo a força de lutar, jamais permitindo que ele perdesse a esperança em realizar seus sonhos, embora distantes.

No conto, perpassam temáticas como: a solidão, as injustiças sociais, a fé, a religião, a religiosidade e o sonho que constituem as lacunas.

III – Considerações finais

Os contos em análise são ricos em figuras de diegese e reflexões. Em **A causa secreta** há a retratação do sadismo e da agressividade humana que causam repugnância. É perceptível, no desenrolar da trama, a desconstrução das máscaras sociais, em Fortunato que transparecia bondade, quando, na verdade, era um desequilibrado. Isto é visível, quando, no final do conto, a personagem, em vez de chorar e sofrer com a morte da esposa, sente prazer em descobrir que Garcia era apaixonado por ela que agora está morta. É espantoso como ele se delicia com o sofrimento e dor do amigo, ao vê-lo beijar a esposa morta. Em **O pé de alface**, observa-se a inversão de valores, as desigualdades e injustiças sociais. Nele, o autor recriou, sintetizou artisticamente a seriedade dos problemas sociais, que embora presentes no ano inteiro, tornam-se visíveis no período natalino. Pontos comuns nos contos são o tempo cronológico e psicológico, a figura de diegese, a sinédoque e o paralelismo de contraste.

Interessante destacar que, no caráter ficcional da literatura, principalmente, nos contos em análise, os autores convidam o leitor a refletir

sobre valores como solidariedade, fé, caridade, amor ao próximo e respeito, simplicidade e humildade dos quais, infelizmente, o ser humano encontra-se despedido.

Referências

ASSIS, Machado de. A causa secreta. In: **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BOSI, Alfredo. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**, 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, Geraldo França. O pé de alface, p. 68-74. In: **Os pássaros e outras histórias**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1999.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. 15. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. Caderno MAIS, Folha de São Paulo, domingo, 30 de dezembro de 2001, p. 24.

REIS, Lexia de Maria Rua. **O que é o conto**. São Paulo: Brasiliense, 1987.